

CAPÍTULO VIII

A ANTHROPOLOGIA LOMBROSANA E A CRÍTICA

Lombroso espiritista julgado pelo dr. Alberto Moll. — Parecer dos professores Montegazza e Luchini sobre Lombroso. — Os laboratórios de anthropologia e de psychologia em Paris. — A acção dos venenos psychicos.

Já ha muito tempo que o mundo dos *espiritistas* esperava a adhesão completa do celebre professor Lombroso ás suas crenças. Manifestaram clamorosa alegria ao verem sem restrições enfileirado nas suas phalanges o afamado professor de Turim, crendo que com o prestígio do seu nome se vão ganhar em favor da causa muitas vitórias¹.

Mas o passo dado por Lombroso não causou satisfação na maioria dos seus correligionários criminalistas. O dr. Alberto Moll, de Berlim, na sua critica sobre a nova phase das observações de Lombroso, escreve: «o grau de exame critico das idéias de Lombroso não é, infelizmente, sempre suficiente para nos permitir acreditar-o sem restrição, quer como observador critico, quer como explorador engenhoso». Mais adiante sustenta o mesmo sabio allemão que não nega, segundo é costume *a priori*, os factos descriptos por Lombroso, como espi-

¹ Jornal de Berlim, *Zeitung*, de 25 de janeiro de 1892, e *Revue de l'Hypnotisme*, juillet, 1892.

ritista, mas que fica, no entanto, n'uma reserva sceptica, como mais preferivel e mais nobre para combater as suas idéas.

A fin de que o leitor saiba de que se trata, transportemo-nos a uma sessão de *espiritismo*, representada por Lombroso no artigo a que nos referimos. Estão assentadas muitas pessoas a uma mesa, entre as quais o *medium* Eusapia, que dizem ser necessário para que os phenomenos se produzam. Aos dois lados do *medium* tomam lugar pessoas de reconhecida boa fé e lealdade, por exemplo, Lombroso e Tamburini. As mãos do *medium* descansam, como diz o relatorio, nas dos dois vizinhos; a pratica das sessões espiritistas, efectivamente, consiste em formar uma cadeia, tomando cada um a mão do seu vizinho. Estabelecia esta disposição preliminar, faz-se a obscuridade completa. Uma parte da experiençia realisa-se ás claras, mas aqui voltarei depois. Como as mãos do *medium* parecem repousar nas dos seus vizinhos, devia ser-lhes impossivel produzir com o seu auxilio os phenomenos que não se manifestam senão na obscuridate. Resalta do relatorio que uma precauçao anataloga, parecendo mais efficaz, se tomou na occasião de uma outra sessão espiritista, sem ter na cadeia as mãos do *medium*; tinham-n'o ligado completamente, o que faria tornar impossivel o servir-se das mãos para um engodo qualquer. N'esse momento cousas absolutamente extraordinarias parece haver-se produzido na obscuridate; uma redoma de vidro que estava antes n'uma secretaria collocada a uma certa distancia, voo muitas vezes no ar; uma mesa que se achava no lado esquerdo do *medium* agitou-se; depois as cortinas foram arrançadas, a cadeira de Lombroso foi-lhe furtada e o professor teve de ficar em pé; foi picado em diversas partes do corpo e um outro vizinho tocado nas costas por mãos invisiveis, etc.

Quanto á explicação d'estes phenomenos, que são muito conhecidos dos espiritistas, encontrâmo-nos em presença de muitas theorias.

Segundo a opinião dos espiritistas, no sentido restricto do termo, são espíritos que entram aquí em acção, produzindo todos os movimentos dos objectos e as apalpadelas das pessoas.

Outros acreditando nos phenomenos como reaes, não os atribuem á accão dos espíritos, mas á influencia do *psiche* do *medium*. Crookes é o principal representante d'este sistema, que, como se vê, attribue ao *medium* uma força psychica, actuando de uma maneira milagrosa. Lombroso enfileira-se abertamente sob esta opinião e crê que os movimentos do sistema nervoso central podem transmitir-se com auxilio do ether aos objectos oxteriores e fazer mexer n'estes ultimos.

Ambas estas theorias têm agora partidarios, mas a ultima é mais accepta individualmente pelos sabios, que estão de acordo sobre a realidade dos phenomenos, enquanto que a primeira parece prevalecer no publico credo e profano. Em seguida ha a theoria das allucinações que foi motivada principalmemente por Eduardo Hartmann e apoia-se na affirmação de que os phenomenos qualificados de espirituicos não passam de uma serie de illusões dos sentidos, os quaes aparecem portanto na mesma medida em todos os individuos presentes á sessão, tudo devido á urna influencia particular do *medium*. Estes phenomenos não apresentam, pois, segundo esta theoria, nada de objectivo; mas alguma causa de subjectivo. A theoria das allucinações relaciona-se, por outro lado, essencialmente com as apparicções dos espíritos; por conseguinte não tem nenhuma significação para explicar os phenomenos que se produzem com Eusapia, o *medium* de Lombroso; tanto mais que se trata aqui de phenomenos objectivos, o que é evidente, no caso, por exemplo, em que um objecto collocado sobre uma mesa, e finda a sessão na obscuridate, foi encontrado ás claras sobre o sobrado.

A todas estas theorias se oppõe a suposição de que os phenomenos produzidos pelos *mediums* não passam de um charlatanismo.

Eu não quero afirmar que é sempre assim, escreve o dr. Moll, portanto, no meu entender, a maior parte dos partidarios do espiritismo não têm tido sempre em conta sufficientemente esta desconfiança de charlatanismo. As causas não podem explicar-se pela illusão dos assistentes, preparada pelo *medium*?

Se é assim, o *medium* não é senão um prestidigitador. A história dos pelotiqueiros apresenta interesse. Para o dr. Moll os fenômenos observados por Lombroso são explicáveis pelo charlatanismo, e n'uma extensa dissertação mostra como as habilidades dos pelotiqueiros e prestidigitadores iludem os ingenuos, dando-lhes a apparencia de phenomenos maravilhosos.

O *medium* farcista, e habil impostor, desvia a attenção do auditorio, e com uma pericia magica manipula todos os phenomenos chamados espirituistas.

* * *

Em Italia conservar-se-hão muito tempo na lembrança duas cartas que o celebre professor Montegazza, presidente da sociedade italiana de anthropologia, dirigidas ao jornal de Florença *La nazione* (28 de dezembro de 1885 e 12 de junho de 1886) logo depois do congresso anthropologico de Roma, para assinalar a levianidade das observações científicas do sr. Lombroso e seus discípulos.

Na primeira d'estas cartas Montegazza escrevem : «Discípulo modesto, mas convencido da escola experimental, admitto que qualquer ramo da pathologia, que toda a scienzia social, seja qual for, deve inspirar-se n'esta escola e seguir como método a observação e a experiência. Mas quando eu vejo um nome da escola positiva afirmar as cousas mais absurdas, forçar os factos para chegar a fuzel-los corresponder ás nossas theorias, precipitadas e exageradas, sinto um profundo desgosto e penso involuntariamente no proverbio : Deus me guarda dos meus amigos, que eu me guardarei e bem dos meus inimigos».

Na segunda carta Montegazza fallava assim de Lombroso : «Ha trinta annos que o conhego. Hoje, ainda como d'antes, é um dos mais brilhantes escriptores das causas medicas, um dos mais infatigaveis agitadores de idéas e de hypotheses e o mais excellente *bersagliere* da scienzia, que eu conhego. E o mais agil rompedor de circulos de papel no grande círculo dos para-

doxos científicos, é o mais amavel *fundibulario* ou mau *pameiro de casa* (o que mais vos agradar) das sciencias anthropologicas e psychologicas. Tem sempre um pé na sciencia e outro nos sophismas e logomachias ; salta a cada instante, do genio para a loucura, e do pensamento para os meteoros. Hoje ainda, como ha trinta annos, tem os mesmos ardores e as mesmas temeridades, quando se trata de fabricar relações atárvicas, physio-pathologicos e cabalisticas, é também sempre mau observador. Foi elle que mediou o craneo de Volta e a sensibilidade dos loucos com dois lapis e duas chaves ; é sempre o mesmo clinico que analysa as urinas dos doentes, largando os reagentes em cascas de ovos. É sempre o mesmo physiologo que perante o instituto lombardo das sciencias, pretendeu obrigar as suas gallinhas a andar recuando, enquanto os pobres animaes, como todos os da sua especie, teimavam em andar para diante».

E mais adiante : «Quiz lançar um grito de rebate e assignar o abuso ou, para ser mais exacto, o mau uso da escola experimental no estudo particularmente delicado e difícil da psychologia e da anthropologia criminal... Um erro cometido n'um laboratorio, uma teoria prematura ou imprudente, imaginada á cabeceira do leito de um enfermo não podem perturbar as consciencias nem a organização social. Mas quando os advogados e o publico, o juiz e os jurados, vem introduzir o thermometro n'uma caridade inominável de Possante para deduzir d'esta experiência se está em presença de um louco ou de um criminoso, então temos razões para nos inquietar, e para perguntar se na nova escola de anthropologia criminal não se encontrará um elemento que depende mais da psychia-tria que da scienzia⁴».

Com esta auctorizada opinião não se fortelece certamente a gloria científica de Lombroso.

Manourier, n'uma conversa, disse-nos que ficara desiludido

¹ *Le droit pénal et les nouvelles théories*, pag. 416, 449, anno de 1892.

quando visitou em Turim o laboratorio de Lombroso, não só pela pobreza de instrumentos, como pela falta de ordem e de rigor em tudo. As suas estatísticas são organizadas sobre medições a dedo e a olho.

Lombroso tem sido continuamente vítima de mystificações e de brincadeiras de toda a casta, tanto por causa da sua credulidade e da sua excessiva precipitação, como pela phantasia e bom humor d'aquelles que se lhe dirigem. Em todas as edições do *Uomo delinquente* aparecem os retratos de tres pretendidos assassinos de Ravena, que são tres contendores sobreviventes de duellos e que por gracejo foram enviados os retratos a Lombroso.

O professor L. Luchini cita muitos exemplos d'estas mystificações.

Escreve o egregio professor da universidade de Bolonha : « Um dia Lombroso descobre uma horrível cabeça de forgado. Era verdadeiramente disforme, sobretudo por causa da ausência das cartilagens do nariz, que sem ter a importancia anthropologica que lhe atribui Ottolenghi, tem um tal lugar na figura humana. Depressa a fez imprimir nos seus livros e a collocou até no frontispicio de uma das edições do *Uomo delinquente*, como archetypo do criminoso nato. Alguns annos depois encontrei este desgraçado na calceta de Pezaro e certifiquei-me que a sua deformidade fôra o resultado de doenças contraihidas durante a prisão.

« Muito recentemente, em Roma, collegas pedem-lhe para desenvolver os caracteres anthropologicos de um pretendido assassino, e apresentam-lhe uma photographia na qual descofre sem custo todos os caracteres do criminoso nato. Ora, esta photographia era a de Pietro Mascagni, o autor da *Cavalleria rusticana*. »

Os proprios criminosos para se tornarem interessantes mystificam Lombroso, contando-lhe casos curiosos, que elle relata, como verdades, em favor das suas hypotheses.

Lombroso aproveita-se em larga escala de todos os trabalhos científicos, até dos proprios adversarios, com tanto que lhe sir-

vam para a comprovação das suas hypotheses. Outras vezes considera como adeptos, publicistas, que estão bem longe de partilhar as suas idéias.

G. Tardé foi a principio contado entre os adeptos da escola italiana, quando elle é propriamente um psychologo e jurista que vai ás sciencias experimentaes buscar elementos para melhorar o codigo penal vigente. Escreve elle : « Certamente sei bem que o sr. Lombroso e os seus discípulos não perderam o ardor em medir febrilmente crâneos, pulsações, reflexos rotidianos, e o Archivo de *psychiatria* continua a armazenar esta volumosa coleita de algarismos. Se ouço sempre o ruído do moinho, não vejo todavia nenhuma farinha¹. »

Sobre a refutação do sistema lombrosiano têem-se escrito numerosos trabalhos, mas o notável professor não afrouxa na sua fecunda actividade, ficando no entanto silencioso perante as críticas, desdenhando as polemicas, mas modificando prontamente as suas teorias. Ainda ha pouco, n'uma notável revista² de seria analyse critica, que se inspira inabalavelmente em sistema, accusava Lombroso de lançar a logica sem cerimonia para traz das costas, como incomoda ás suas ex- plorações anthropologicas.

Recordemos aqui, escreve Lombroso, que para todas estas descobertas, como para tudo o que é verdadeiramente novo no campo experimental, não ha nada mais impertinente que a logica e o grande bom senso, o maior inimigo das grandes verdades. Iú que nos estudos iniciais é preciso trabalhar muito mais com o telescópio que com a lente. Com a lente, com os syllogismos e com a logica provar-se-há que é o sol que se move e que a terra está imovel³. »

Vê-se que a analyse dos factos nas suas relações minusculas e o estudo dos elementos das iléas nos seus pormenores inti-

¹ G. Tardé, *Revue philosophique*, pag. 483, novembro, 1891.

² *Études religieuses, Philosophiques, historiques et littéraires*, publiée par les Pères de la Compagnie de Jesus, avril, 1893, pag. 602.

³ C. Lombroso, *L'anthropologie criminelle et ses récents progrès*, pag. 9.

mos, enfadam o inclito professor. Reclama para si o direito de se perder nas nuvens das hypotheses, entregando-se à fantasia sedutora da imaginacão e rejeitando como incomodos o bom senso e a logica. Esta antipathia pela logica e pelo bom senso científico, tem-n'a revelado quasi sempre Lombroso nas suas imaginosas theorias.

Parece que Lombroso quer pôr em practica a celebre phrase de Gæthe «mais vale fazer hypotheses do que não fazer nada»; e com efeito, é inegável que Lombroso tem servido a sciencia com essa fertil modalidade do seu brillante engenho.

* * *

Imagine-se uma pequena sala que é alumada á direita e á esquerda por duas largas aberturas envidraçadas, no fundo uma cathedra sobre um estrado, para o qual se sobe por uma dupla escada de poucos degraus, nas paredes algumas photographias, uma vintena de peças anatomicas moldadas, fechadas em redoma. É esta a sala de aula do celebre professor Manouvrier. O seu curso attrahe bastante frequencia, havendo entre os alumnos e ouvintes muitas senhoras russas.

A anthropologia, que é uma sciencia essencialmente francesa, fundada pelo eminente professor Paul Broca, tem como seu sucessor mais exímio Manouvrier. Logo no começo da propaganda dos principios de anthropologia criminal, quando o afamado professor de Tuiim, Lombroso, se fazia pela audacia das suas theorias notar e admirar, Manouvrier, quasi então só, não partilhava esse entusiasmo nem essa admiração; e não era a inveja do sabio; tinha no seu juizo scientifico serius rasões: Manouvrier é um espirito austero, secco, sem o charme do sabio francês, combate Lombroso com uma energia implacavel, sem contudo negar a consideração a que tem direito um homem que ha trabalhado largamente, como sucede com o notavel professor italiano.

Sempre que um criminoso é executado, se a familia se não

apresenta a reclamar o cadáver, um carro coberto especial leva o suppliciado do Champ des Navets á Escola de Medicina, e terminadas todas as experiencias o cadáver é por fim transportado ao laboratorio da Escola de Altos Estudos, con junto á sala do curso da Escola de Anthropologia. Manouvrier encerra-se então no seu gabinete de dissecação e *trabalha*. Este gabinete não é grande, produz no visitante a impressão de um theatro anatomico. Aquelle cheiro intenso e caracteristico, aquellas ossadas humanas, aquelles crâneos alinhadamente dispostos ao lado dos instrumentos de anatomia e anthropometria, produzem no visitante uma impressão *sui generis*. A vista do espectador é particularmente attralida para ao pé da mesa de dissecação por uma colleção de elegantes caixas de pinho muito branco, postas umas sobre as outras e dando vagamente a illusão de esquecidas. O visitador animoso deseja abrir a primeira, é um esqueleto *prепарировано* de fresco e cuidadosamente dobrado sobre si mesmo, dormindo no caixão e prestes a ir reunir-se nas vidraças do museu Broca com os de Campi, intacto, Franzini, ao qual um inglez roubou um dente. Um distico indica a origem do esqueleto, um muito delgado era Kaps; em baixo d'elle numa caixa igual encontra-se a ossada forte de Allonto; mas a um faltava o femur, a outro o maxilar inferior, porém estas duas peças estão sobre a mesa com um distico indicador. Pela mão do professor Manouvrier tém passado n'estes ultimos annos os cadáveres de numerosos delinqüentes, que lhe têm oferecido na anatomia comparada um vasto campo de indagação anthropologica.

O congresso de anthropologia criminal de Paris, 1889, foi para Lombroso um grande revez e para Manouvrier um decisivo triunpho. Lombroso na primeira discussão da sessão do congresso disse: *je veux vous tuer*; mas são passados tres annos de estudo e reflexão, e realiza-se o immediato congresso em Bruxellas, Manouvrier lá está com toda a sua bagagem de guerra, e Lombroso que *voulait tuer* o seu principal antagonista, declinou o convite com peregrinas evasivas, para ir quasi na mesma epocha a um outro congresso a Londres, sa-

bem de que? *de espiristas*. E o ilustre professor italiano fazia-se acompanhar ufano de um *medium*. A imprensa europea ocupou-se do assumpto com pouco favor para Lombroso.

O *lombrosismo* criminal tem uma vida ephemera; mas desgraçadamente dà alento ao medico superficial e ao advogado charlatão, que consegue com a nomenclatura apparatusa transviar a justiça, mascarando a verdade ao jury indouto. O juizado *ingenio*, desconhecendo a sciencia, ene nos *terribles ataque* ao *aleijado* direito penal classico: *alorum medicus, ipse ulceribus scates*.

Estes advogados escogitaram até na velha phrenologia de Gall, o que podia dar vulto aos seus argumentos, e socorrendo-se tambem de livros estranhos á anthropologia criminal, mas favoraveis á sua these, como, por exemplo, a *Higiene da belleza* do dr. Monin, que diz: «a orelha fornece ao observador os mais seguros esclarecimentos sobre a moral a as origens das pessoas: uma orelha branca, flexivel, de forma elegante, de tamanho conveniente, formando um conjunto harmonico com a cabeça a que está presa, não pode nunca pertencer a um ente vulgar. Uma orelha vermelha, espessa, com o lobulo maciso e sanguineo, de configuração distorme e mal agitada á cabeca, pertence ordinariamente a um ente ignobil, bestial, capaz de tudo quanto é mau. Entre estes dois tipos extremos, ha muitos typos intermedios de orelhas: as orelhas grandes, carnudas, indicam instintos grosseiros, appetites insaciaveis; as orelhas pequenas, delgadas, de feito exquisito e muito pegas á pelle, indicam falta de intelligenzia, ciúme, egoísmo e baixezza».

O logar d'este livro não é n'um escriptorio de advogado, está muito bem na casa de vestir de uma senhora, espirito fragil que sabe quanto vale o ornato do corpo pelo desenvolvimento dos seus encantos e correções dos seus defeitos. É obra inspirada no pensamento de Proudhon: «a beleza responde completamente à mulher».

Não ha um criterio unico de beleza, porque ha beleza

que se prova e a beleza que se experimenta. A tatuagem é para Lombroso um caracteristico do *tipo criminal*, e entre os negros de Angola é ao contrario na mulher um elemento indispensavel de beleza, tanto que se diz como adagio na lingua indigena de Angola, o quimbundo: *muhatu k'ala nim-bumba ponde*, o que quer dizer: «mulher que não tem tatuagem é *ponda*».

Ponde é um peixe preto extraordinariamente feio, para o gosto esthetico do angolez. Devemos este facto ao sr. Héli Chatelain, illustre linguista, que é ha annos o consul dos Estados Unidos da America do Norte em Loanda.

* * *

Ha laboratorios de psychologia na Sorbonna. Esta phrase, *laboratorios de psychologia*, parece á primeira vista contraditoria. Todavia estes laboratorios existem, ha-os na Alemanha, na Italia, na America, trabalha-se muito n'elles, publicam-se todos os annos grossos volumes a respeito das experiencias ali realizadas.

Vê-se que em nossos dias a psychologia mudou de orientação, ou melhor ampliou os seus processos de investigação. Já se não estuda sómente a *alma*, causa desconhecida das operações do espirito, mas sobretudo estas operações de espirito, ás quaes se procura aplicar methodos de observação que estão em uso nas sciencias positivas.

O laboratorio de psychologia de Paris está instalado na Sorbonna, pertence á escola de Altos Estudos (secção de sciencias naturaes). A escola de Altos Estudos, cujo funcionamento é difícil de comprehendender, é uma escola sem edificio proprio, encontra-se espalhada por diversas partes: na Sorbonna, no collegio de Franga, no Museu.

Fóra de Paris a escola de Altos Estudos possue laboratorios na provincia; em Fontainebleau e em Marselha, por exemplo. O laboratorio de psychologia foi fundado em 1889

a instâncias de Luiz Liard, o sagaz critico philosophico e director geral do ensino superior. Este laboratorio é dirigido por Beanis, antigo professor na facultade de medicina de Nancy, autor de numerosos trabalhos sobre o hypnotismo, a physiologia e as suas applicações á psychologia. O professor adjunto Alfredo Binet é collaborador assíduo da *Revue philosophique*; publicou uma serie de estudos sobre o hypnotismo, a psychologia do raciocínio e sobre as alterações da personalidade. O *maitre de conférences*, Henry, bibliothecario na Sorbonna, é o autor do *Cercle chromatique*. O preparador é J. Philippe, professor no collegio Arago. A installação do laboratorio de psychologia é na parte da galeria das sciencias da Sorbonna, situada no angulo da rua das Escolas e da rue S. Jacques. As quatro peças que a compõem são cada uma reservada a seu destino especial: 1.^a, uma grande sala onde se reúnem os discípulos para as demonstrações, e as experiências que devem ser feitas em commun, uma grande mesa ao centro, onde estão os instrumentos destinados às experiências no curso, nas paredes um quadro para as demonstrações e schemas de diferentes secções cerebraes; 2.^a, o gabinete do director, onde estão reunidos e cuidadosamente dispostos os apparelos registradores, os pneumographs, os esthesionetros, un chronoscopio de Hipp, os apparelos do padre Rousselot, de Cattel, dynamographos, etc., n'uma palavra, a parte importante dos apparelos obrigatorios de um laboratorio de psychologia physiologica. Observam-se em volta d'esta sala alguns desenhos de trabalhos feitos no laboratorio pelo director e discípulos, uma serie de curvas que schematizam os graus de inconsciencia na apreciação do intervallo que separa duas acções psychicas muito approximadas; as reproduções dos movimentos de astucia, obtidos em insectos por alterações do sistema nervoso, emfim, uma notável serie de mappas coloridos por individuos de audição corada, e sobre os quaes uma serie de observações foi feita no laboratorio em julho e em dezembro de 1891; 3.^a, uma curta pega é especialmente reservada aos estudos macroscopicos e microscopicos sobre o

sistema nervoso do homem e dos animaes: esta pega também contém uma notável serie de photographias de criminosos, oferecidas, uma parte pelo professor Lombroso, e outra parte pelo serviço anthropometrico de Paris; 4.^a, a quarta pega é reservada ao *maitre de conférences* que se dedica a investigações pessoas.

Não podemos descrever todos os instrumentos que se utilizam nas indagações sobre os phenomenos psychicos, e por outro lado, alguns já são conhecidos: o cylindro registrador de Marey, tão indispensavel sempre que se trata de obter o traçado de um movimento, de uma contracção muscular, etc., e os diversos apparelos que servem para as excitacções electricas, para a medida do campo visual, para apreciação da altura das ondas sonoras.

Todos estes instrumentos em rigor pertencem ás sciencias vizinhas da psychologia e não propriamente á psychologia. Havia diversos chronoscopios e em particular o do dr. Arsonval. Este é um maravilhoso instrumentinho de manejo muito facil e de montagem rapida; substitue na Sorbonna os chronoscopios allemandes, que exigem uma instalação especial.

Este chronoscopio serve para medir a duração dos actos psychicos, ou metaphoricamente, talvez melhor, a velocidade do pensamento. Os estudos d'este genero têm um grande lugar nos laboratorios de psychologia de Allemánha.

Exigem apparelos de uma grande precisão e a intervenção de correntes electricas. Sem a electricidade não se poderá medir a velocidade do pensamento, da mesma maneira que sem o microscopio não se poderiam estudar os excessivamente pequenos, ou os invisiveis à vista desnarmada. Vamos descrever em duas palavras o chronoscopio: compõe-se de um ponteiro que, movido por um delicado apparelho de relojoaria, percorre com movimento uniforme um mostrador dividido em duzentas partes iguaes; a velocidade do ponteiro é de uma volta por segundo. O apparelho está de tal modo disposto que se pode fazer passar n'ele uma corrente electrica. Esta corrente actua sobre um pequeno electro-iman que attrafe uma

disco de metal e faz parar o ponteiro; logo que a corrente passa o ponteiro pára, desde que a corrente é interrompida, o ponteiro continua o seu caminho.

Comprehende-se, pois, como este apparelho pôde servir para medir um acto psychico: é preciso que o começo do acto corrente exactamente com a abertura da corrente, o que põe o ponteiro em movimento; é preciso por outro lado que o fim do acto corresponda à suspensão da corrente e à paragem do ponteiro, uma simples leitura do mostrador indica quanto o ponteiro se deslocou, o que permite medir o tempo em centésimos e até em milésimos de segundo.

É d'esta maneira que se mede o tempo de uma *reacção simples*.

Dá-se este nome ao acto tão elementar quanto possível; este acto compõe-se de uma excitação e de uma reacção ou resposta.

Faz-se ouvir um som, um ruido qualquer, e o paciente deve, desde que o ouve, executar um movimento convencionado com a mão.

Servem-se de instrumentos pelos quais a produção do som interrompe a corrente eléctrica, enquanto que o movimento da mão a faz passar no apparelho. O tempo que decorre entre a sensação percebida pelo paciente e a sua resposta motriz é o tempo da reacção simples. A media é de 12 centésimos de segundo. Têm-se escrito volumes de analyse sobre a natureza d'este acto psychico elementar; hoje ha tendência para consideral-o como um reflexo cerebral conhecido, cuja duração corresponde ao trajecto da excitação nervosa entre o ouvido que recebe a excitação, o cérebro, a medula e os nervos do braço; é de algum modo a parte puramente physiologica de um acto do pensamento, por isso comprehende-se quanto é útil conhecer a sua duração.

Compliquemos, por exemplo, a experiência, combinemos com o paciente, que se lhe farão ouvir duas espécies de ruído e que deverá reagir a um só, que pôde ser um ruido metálico. Evidentemente reagirá menos rapidamente que no primeiro

caso, porque antes de executar o movimento com a mão é mister que discernisse a qual ruido deve elle reagir; em resumo, deve executar um acto de juizo ou de comparação imediata. Se o tempo total da reacção tomou 20 centésimos de segundo, poder-se-ha conhecer só o tempo do juizo; basta reparar no tempo da reacção simples, seja, por exemplo, 12 centésimos: o acto de juizo ou de discernimento que acabámos de descrever levou 8 centésimos de segundo. Este método tem applicações multiplas de uma delicadeza extraordinaria. Ha pouco tempo ainda o professor Binet occupava-se no laboratorio de psychologia de um inquerito sobre a memoria dos jogadores de xadrez que jogam sem ver. É sabido que alguns jogadores são assás habéis para dirigir, sem ver as pedras diante dos olhos, seis, oito dez e até dezeses partes ao mesmo tempo. O estudo dos meios mnemonecnicos d'estes jogadores será certamente de um vivo interesse, como facto psychologico.

No congresso de psycho-physiologia de Paris já se fizeram investigações sobre qual o papel do movimento na formação das imagens. Sem movimento não ha mudança, sem mudança não ha consciencia. Quais são os elementos musculares e táticos que fazem parte integrante das diversas classes de imagens?

Na Italia estes estudos vão tomando notável incremento. A ideia de pesar o pensamento parece um paradoxo, e sem embargo é realisável indirectamente. O professor Mossio realizou experiencias interessantes.

Fez construir uma balança sobre a qual descansa a cabeça de um homem estendido. A balança sobe ou baixa, segundo a intensidade dos pensamentos do homem que tem a cabeça collocada sobre ella.

Cada esforço de imaginação leva ao cerebro um augmento de sangue sufficiente para que baixe a balança, e esta baixa proporcionalmente ao esforço. Um homem dormindo fal-a descer segundo os seus sonhos, ou se um ligeiro ruido faz concentrar em sonhos a sua attenção.

Partindo d'esta teoria, o professor Mosso, tem feito outras experiências mais faceis que as da balança.

Por exemplo, mettendo uma mão n'uma vasilha cheia de agua, o nível d'esta súbe ou desce, segundo a intensidade do pensamento, intensidade que altera a circulação do sangue, e alteração que aumenta ou diminue o volume da mão.

Pela simples observação do pulso, o professor Mosso, adivinhava quando um amigo e collega seu lia italiano ou grego, alguma obra de mathematical ou de historia.

Por este processo talvez ainda se possa dizer um dia que tal obra custou ao seu autor tantos kilogrammas de pensamento: é obvio que essa expressão só pôde ter um valor metaphorico, visto que o pensamento em si não se pesa, porque é incorporeo.

A phrenologia de Gall fôra também durante muitos annos abandonada como phantastica: o celebre cirurgião Méry comparou os anatomistas do cerebro aos cocheiros de prægu, que conhecendo perfeitamente os nomes das ruas ignoram todavia o que se passa nas respectivas casas; hoje, porém, a psychologia estâ-se desenvolvendo pela aliança com as sciencias auxiliares, principalmente a anatomia e a physiologia.

A importancia do desenvolvimento da caixa craneana na classificação das raças humanas, e até entre os individuos da mesma raça, é considerado factor valioso.

Conta-se o seguinte facto:

Gladstone, o chefe do partido liberal inglez, tem uma cabeca de um tamanho excepcional. E, o que é mais curioso, a cabeca d'este estadista tem crescido principalmente de ha vinte annos a esta parte.

Na ultima vez que Gladstone esteve na sua casa de campo de Haverden, conversava com um amigo sobre diferentes cousas, recaindo por fim a conversa sobre a phrenologia. Gladstone mostrou então ao amigo um chapéu que, ha cerca de vinte annos, elle levava a todas as ceremonias da corte.

— Este chapéu, lhe disse Gladstone, era-me largo; hoje, como vêdes, nem me cabe na cabeca.

* * *

Está demonstrado que os venenos produzem a sua ação sobre tal ou tal tecido, de modo que os effeitos de cada veneno sejam localizados n'uma perturbação funcional mais ou menos limitada.

Assim o oxydo carbonio actua sobre os globulos do sangue, o curara envenena as placas terminaes motrizes dos musculos, a atropina paralyxa os extremos do nervo do terceiro par. Com os venenos psychicos succede do mesmo modo. Produzem a sua ação sobre o apparelho intellectual, isto é, sobre os elementos celulares do cerebro que presidem á inteligencia.

Os venenos psychicos actuan sobre o homem com intensidade maior que nos animaes: basta com os venenos psychicos, no homem, uma pequena dose para produzir effeitos mais notaveis do que no animal.

Os negros de Darfur servem-se do seguinte engenhoso meio para a caga dos macacos:

Fabricam uma especie de cerveja doce, muito agradavel ao paladar, mas que embriaga muito, e de que os macacos são extremamente gulosos.

Quando o indigena quer fazer uma boa cagada d'aquelles simios, deixa no mato uma boa porção de vasilhas cheia d'essa bebeda e põe-se de atalaia. Dentro em pouco os macacos, dando com a bebida, não a deixam enquanto não ficam completamente embriagados; chegados a esse ponto o cagador que os vigia approxima-se d'elles e dando a mão a um dirige-se para a sua aldeia. Então o macaco que o negro leva pela mão, dá tambem a mão ao que lhe fica mais proximo, este a outro, e assim successivamente, de forma que dentro

em pouco segue caminho da aldeia uma recua de macacos cambaleando aqui e tropeçando acoitá.

Logo que chegam dão-lhes mais cerveja para os conservarem ebrios, e para que elles se não revoltam, vendendo-se captivos. De dia a dia vão-lhe diminuindo a ração, de forma que vão gradualmente tornando conhecimento do seu novo estado. Logo que estão domesticados dedicam-nos a varios mestres, onde em razão da sua maior resistencia, substituem o homem.

O primeiro effeito de um veneno psychico é uma certa ex-citação intellectual, caracterizada por hyperideação, com uma diminuição de poder de attenção activa e uma exageração dos sentimentos affectivos. Os diferentes vinhos não produzem a mesma especie de embriaguez. Assim a embriaguez do vinho de Champagne é mais alegre que a dos vinhos grosseiros; a embriaguez da cerveja e da genebra é triste; a do absynthe é muitas vezes furiosa. Na embriaguez do haschisch ha uma agudeza notavel de memoria e da sensibilidade perceptiva.

O appetite individual nas bebedas, a preferencia do veneno psychico será um factor moral ou intellectivo no homem?

A psychologia-physiologica vir-nos-ha dizer alguma cousa das preferencias, por exemplo, relativamente a vinhos? Frederico, o Grande, gostava particularmente do vinho de Tokay; Napoleão I preferia o de Chambertin; Pedro, o Grande, da Russia, o da Madeira; o cardeal de Richelieu, o de Romanié; Rubens, o de Marsala; Rabelais, o de Chablis; o marechal de Saxe, o Champagne; Cromwell, o de Malvaysia; João Bart, o de Beaune; Talleyrand, o de Château Margaux; Humboldt, o de Sauterne; Balzac, o de Volnay; Gœthe, o de Johannisberg; Carlos V, o de Alicante; Francisco I, o de Xerez; Henrique IV, o de Suresne; lord Byron, o do Porto; e Victor Hugo, o de Borgonha. O que se dá com o sentido do gosto dar-se-ha igualmente com o sentido do olfato?

Os laboratorios de psychologia que respondam.

Grétry desmaia com o aroma da rosa. A duquesa de Sumbelle não podia supportar o cheiro das violetas. Luiz XIV sentia grande predilecção pela flor de laranja. No tempo do directorio, o almíscar era tão moda, que deu o cognome de almiscarados (muscadins) aos elegantes d'esta epocha. A imperatriz Josephina enchia de almíscar o seu quarto de vestir. Napoleão inundava-se todas as manhãs em agua de Colonia. Victor Hugo preferia a todos os aromas, o vago perfume das trepadeiras. D'estas variedades de gosto tira um celebre hygienista moderno a conclusão de que a perfumaria não é como se pensa uma questão de moda, mas que é propriamente individual, e aconselha a cada mulher que escolha o perfume que mais convenha ao seu tipo de belleza, como escolhe o facto que melhor diz com o seu semblante.